

## DESABAFO DE UM POSSÍVEL HETERÔNIMO PORTUGUÊS:<sup>1</sup>

---

Há muito tempo que já não vivo em mim,  
mudei-me para um outro sítio,  
onde a vida é pacata, rural e posso sentir da minha varanda  
o cheiro do mel  
que as abelhas produzem todas manhãs.  
É um lugar de silêncios, uma dessas aldeazitas do sul de Portugal,  
cercada por extensos descampados e montanhas azuis.

Quem passeia pelas ruas tumultuadas,  
cruza as avenidas,  
perde-se nos becos,  
sobe de elétrico até Alfama  
e admira Lisboa do alto  
são os meus olhos - ninguém mais.  
Quem, nas noites solitárias,  
sai a procurar casas de fados  
são os meus ouvidos - ninguém mais.  
E quem bebe café, todas as manhãs,  
n'A brasileira é ninguém mais do que a minha boca,  
que há muito se calou,  
enjoou do gosto das palavras.  
As palavras... essas que, no entanto, são produzidas  
incessantemente pela minha mente,  
este relógio de sete ponteiros e de infinitos tic-tacs...  
Ora bem, este é o "meu eu" da cidade –  
um ser que é nada mais do que sentido,  
grito, fome, inconsciência.

Eu, eu-verdadeiramente-eu,  
como já vos expliquei,  
vivo distante,  
em qualquer sítio que não seja em mim.  
Pois. Vivo só e bem,  
quase que esquecido do caos mundano,  
das rápidas pausas para o café,

---

<sup>1</sup> **Autoria:** Charles Berndt

das buzinas, dos ascensores,  
do insistente tocar de sino da Igreja de São Estevão,  
que não me deixava dormir na juventude!

Mas às vezes,  
só às vezes,  
canso-me do canto dos pássaros  
e de estar só nas manhãs mornas do interior...  
Então, tiro o chapéu do cabide  
e apanho o primeiro comboio do dia.  
Geralmente, vou primeiro a Belém.  
Insisto no velho hábito lusitano de admirar o passado,  
a época em que fomos donos do Mar,  
desbravadores do Oriente!  
Desfruto, por alguns minutos,  
da melancolia do velho Tejo,  
acompanhado, é claro, pelos navegadores de pedra  
que apontam para o sul...  
para o mundo que jaz fora da terrinha!  
Há tanto mundo lá fora, pá!  
Espero,  
Espero que a manhã cresça  
e só assim,  
com o sol em sorrisos,  
parto para o centro de Lisboa...  
Inevitavelmente, acabo por perder-me nos bairros da alta,  
onde admiro os azulejos que insistem  
em me falar de um tempo que já se foi.  
Por vezes, se tenho sorte,  
esbarro comigo próprio,  
com essa parte de mim que é viciada  
em multidões, testemunha dos becos e  
da boémia da cidade.  
Conversamos os dois,  
pois... bebemos café,  
comemos um ou dois pastéis de nata,  
falamos da chuva que não chega  
e dos discursos do senhor Cavaco,  
que insiste em nos dizer  
que a crise chegará ao fim...  
Por questões de velho e enraizado hábito,  
também acabamos por falar mal dos espanhóis,

os nossos irmãos das terras-de-dentro...  
Conhecem o ditado  
"De Espanha nem bom vento nem bom casamento"?  
Pois bem.

E, se calhar, meus amigos,  
se estivermos os dois de bom humor,  
tecemos, ali mesmo,  
sobre a mesa de ferro da pastelaria,  
alguns versos soltos... poesia de botequim,  
dessas que atraí as moscas e cheira a cerveja de ontem  
- é assim que nascem algumas das minhas criações,  
que alguns dizem – os amigos mais próximos e generosos –  
tratar-se, de fato, de poesia... de boa poesia!  
É evidente que duvido,  
ou hesito em acreditar...  
Lembro-me sempre das aulas do Liceu  
e de um gajo chamado Torres,  
professor de língua portuguesa,  
que enchia a boca de saliva e dizia: "os bons poetas, os herdeiros  
de Camões, estão todos mortos!"  
Talvez.  
Camões está morto,  
mas a sua língua não...  
não é assim que cantam lá  
para os lados do Brasil:  
"gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de  
Camões"...

Há tanto mundo lá fora,  
Há tantas terras que falam português...  
Por que não ficar feliz com isso?  
Por que não zarpar para sul mesmo,  
É lá que nos querem,  
Sejamos a Jangada que Saramago sonhou...  
Sejamos mais do que melancolia solitária...  
Sejamos um coro, uma gente,  
Um povo de melancolia,  
Que diz ao mundo a sua alegria, quando lhes convém.

Caraças! Já é tarde,

Alonguei-me demais,  
tenho de apanhar o comboio,  
é o último – aquele que só passa às onze horas.